



## PANORAMA DOS FLUXOS E DOS DESAFIOS MIGRATÓRIOS NOS EUA

1. Recentes relatórios multilaterais confirmaram que, nos últimos anos, aumentou de forma significativa a presença de migrantes internacionais nos assim chamados **países economicamente mais desenvolvidos**. De acordo com a ONU<sup>1</sup>, em 2000, dos 174,9 milhões de pessoas que viviam fora do país de nascimento, 110,3 milhões – 63% do total - residiam em países do Norte (incluindo a ex-URSS). Este dado representa uma novidade em relação ao passado, pois até 1980 a maioria dos estrangeiros residia em países do Sul. Atualmente, 8,7% da população dos países desenvolvidos é estrangeira, contra o 3,4% de 1960.

Esta mudança pode ter sido parcialmente provocada pela diminuição do número de refugiados em países pobres (de 17 milhões, em 1990, para 13,5 em 2000). No entanto, a evidente intensificação da emigração para o Norte rico e opulento pode e deve ser interpretada principalmente como resposta espontânea das populações mais pobres ao crescimento das desigualdades sociais em nível planetário, às crises econômicas e ao empobrecimento de vários países do Sul. Um exemplo é a América Latina: segundo a CEPAL, nos anos 90, aumentaram em 20 milhões os pobres da região.

2. Os **Estados Unidos** são, sem dúvida, o principal pólo de atração da emigração internacional. Estima-se que, em 2005, o número de migrantes internacionais presentes no país norte-americano seja de 35,1 milhões, o que corresponde a cerca de 11% da população do país e a 20% do estoque mundial de migrantes internacionais.

De acordo com projeções para 2005, a maioria dos estrangeiros residentes no país provém da **América Latina** (55%), sendo 9,1% do Caribe (em leve diminuição em relação aos anos anteriores); 35,7% da América Central, com forte predominância pelo México (30,7% do total de estrangeiros, em aumento em relação ao passado) e 6,4% da América do Sul, sendo que o Brasil aparece com 1,0% do total, em forte crescimento em relação aos anos anteriores (0,5% em 2000).

Entre os fatores que justificam a predominância latino-americana podem ser assinalados: a proximidade geográfica, a possibilidade de ingressar de forma irregular pela fronteira do México, os laços culturais e econômicos existentes, sobretudo com o México (NAFTA) e outros países da América Central, a criação de redes sociais devido ao progressivo crescimento da comunidade hispânica, entre outros. Deve-se levar em conta, no entanto, que a fronteira do México já se tornou

---

<sup>1</sup> ONU. *World Economic and Social Survey* – 2004.



rota de ingresso para os Estados Unidos não apenas por migrantes da América Central, mas também da América do Sul e de outros continentes. Tornou-se comum viajar do Brasil ou da China para Cidade do México e daí ir até localidades de fronteiras de onde tentar a entrada nos EUA.

Quanto aos demais fluxos, além de uma pequena porcentagem de migrantes oriundos da América do Norte (2,0%), cabe sinalizar a significativa presença de estrangeiros de origem **asiática**, 25,8% do total, com destaque pelos indianos (4%), chineses (3,8%), filipinos (4,4%) e vietnamitas (2,8%). A **Europa** participa também com 12,6% do total, em diminuição em relação ao passado e com predominância pela presença de ingleses, alemães, italianos e russos. Menos expressiva a presença de africanos (3,3%, embora em crescimento em relação aos anos anteriores) e da Oceania (0,5%).

**3.** No que se refere ao **perfil de gênero** dos estrangeiros nos EUA, dados recentes apontam uma substancial igualdade (101 homens por cada 100 mulheres). No entanto há diversificação no que se refere aos grupos étnicos. Por exemplo, entre os alemães ou os ingleses, há uma clara predominância de mulheres, enquanto entre os mexicanos e salvadorenhos domina a componente masculina (124 homens para cada 100 mulheres entre os primeiros). Em geral, mulheres e crianças chegam nos EUA pela reunião familiar - há uma preferência para as mulheres “bem-casadas” - embora recentes estudos revelam o crescimento da entrada de forma irregular, pelo México, de um número cada vez maior de mulheres. Em geral, os homens predominam entre a mão-de-obra qualificada, enquanto as mulheres no que se refere aos trabalhos domésticos.

**4.** Nos últimos anos, registra-se também uma **diversificação dos lugares de destino** da migração para os EUA. Cidades médias do Sul-Est e Meio-Oeste estão crescendo, a ponto de se falar em **interiorização** das comunidades estrangeiras nos Estados Unidos. Esse processo, ainda incipiente, pode ser interpretado de diversas formas, tanto como consequência de uma maior integração por parte dos estrangeiros, quanto como uma resposta a novas demandas de trabalho no interior do país. Seja como for, apesar de tudo, os Estados da Califórnia, Texas, Nova Iorque, Illinois, Florida e New Jersey continuam ainda hoje **concentrando dois terços** de todos os imigrantes dos EUA.

**5.** Calcula-se em cerca de 10 milhões o número de **migrantes irregulares** residentes nos EUA em 2005. Entre eles, três milhões são mulheres e 1,7 milhões crianças e adolescentes (abaixo



de 18 anos). A emigração irregular se dá principalmente através da fronteira do México onde nem a construção de muros, nem os perigos do deserto e da travessia de rios, nem o medo das patrulhas de “caça-migrantes” ou da violência dos próprios “coyotes” parece deter a imigração. De qualquer forma, a militarização da fronteira e o endurecimento dos controles estão provocando uma diversificação das rotas de entrada aos EUA, de modo que se tornaram mais comuns também as tentativas de ingressar pela fronteira canadense, através do visto de turista, pela falsificação dos documentos (cada vez mais difícil) ou pela obtenção da cidadania e passaportes de países da União Européia. Estima-se que cerca de 500 mil migrantes irregulares ingressem por ano nos EUA.

A condição migratória irregular fortalece a **vulnerabilidade** de milhões de estrangeiros nos EUA que, muitas vezes, sequer têm coragem de usufruir serviços e direitos garantidos por medo da deportação. Vivem, portanto, nos EUA como seres humanos de segunda categoria, invisíveis, escondidos, sem direito de denunciar formas de violência que recebem ou abusos por parte dos empregadores. Um recente Informe da OIT sobre Trabalho Forçado destaca que a situação de irregularidade aumenta sensivelmente os riscos de aliciamento para exploração do trabalho ou para fins de exploração sexual.

Inclusive há quem sustenta que, apesar da retórica oficial, existe interesse por parte dos empresários norte-americanos de manter relativamente porosa a fronteira com o México para permitir a entrada de **mão-de-obra barata, jovem, submissa e explorável**. Não há dúvida de que a presença de migrantes irregulares é tolerada pelas numerosas vantagens econômicas que proporciona.

Outro sério problema da imigração irregular é a formação de **famílias** constituídas por membros em situação migratória irregular - e, portanto, deportáveis - e por membros nascidos nos EUA - e, portanto, cidadãos estadunidenses. Às vezes, a mesma situação pode ocorrer entre irmãos! Calcula-se que o número de cidadãos estadunidenses em famílias chefiadas por pessoas em situação migratória irregular seja de três milhões.

**6.** A abordagem hegemônica ao tema da imigração nos EUA está profundamente condicionada pelos acontecimentos do dia **11 de setembro**. Se antes dessa data a preocupação principal estava no aproveitamento parcimonioso de mão-de-obra estrangeira barata ou qualificada – os EUA são o principal destino dos assim chamados “cérebros” – o espectro do terrorismo tem modificado radicalmente essa visão, transformando a imigração num problema de polícia.



Na atualidade, a política imigratória dos EUA – assim como de outros países - está claramente determinada pela busca da **segurança nacional**. A militarização e os rígidos controles das fronteiras, inclusive por meio de substanciais investimentos financeiros e tecnológicos, atestam este clima de suspeita em relação à maioria dos imigrantes. De fato, esse clima de medo dos estrangeiros se tornou quase que uma obsessão para muitos segmentos da sociedade estadunidense. Nos Estados de fronteira com o México, se tornaram cada vez mais comuns os “caça-migrantes”, grupos formados por civis armados que visam impedir a entrada de migrantes irregulares – prática que lembra o Ku Klux Klan de algumas décadas atrás.

Ao que tudo indica, essas medidas policiais não conseguiram deter a imigração irregular. Houve, talvez, uma diminuição ou uma maior “lentidão” no processo de entrada. Por outro lado, tornou-se mais difícil a entrada de determinadas categorias de migrantes, como os solicitantes de asilo, refugiados, estudantes ou, simplesmente, os imigrantes regulares de origem muçulmana.

Outra dura consequência desse processo de suspeita e criminalização dos estrangeiros é o forte aumento das **detenções**. Periodicamente, o governo estadunidense é obrigado a fretar aviões para deportar centenas de estrangeiros e, desta forma, reduzir o número de presos. Outro mecanismo utilizado é libertar os imigrantes irregulares presos nas proximidades da fronteira do México, notificando-o a comparecer a uma audiência judicial, à qual, geralmente, os imigrantes não comparecem. A condição dos estrangeiros presos nas cadeias dos EUA já foi objeto de denúncia por parte de organizações humanitárias.

De um ponto de vista **político-partidário**, os Republicanos, nos últimos anos, defenderam rígidas políticas contra os migrantes irregulares, inclusive aceitando limitações dos direitos individuais dos estrangeiros de modo a combater o terrorismo. Já os Democratas parecem mais sensíveis às vantagens econômicas da presença de mão-de-obra barata e qualificada estrangeira e tendem a manter posturas menos rígidas.

Recentemente, o presidente Bush enviou ao Congresso um “Programa de Trabalhadores Temporários” (PTT) cujo objetivo não é uma anistia geral, mas a regularização temporária de trabalhadores estrangeiros após um pagamento de uma forte multa. O prazo do visto é de três anos, renovável por uma vez, sendo que após o vencimento, os estrangeiros seriam obrigados a sair do país. No mesmo período o presidente dos EUA declarou enfaticamente o objetivo da política imigratória do partido Republicano: “Our goal is clear: to return every single illegal entrant, with no exceptions”. Essas atitudes, aparentemente contraditórias, confirmam, por um lado, a necessidade da economia estadunidense do trabalho dos milhões de imigrantes ilegais e, por outro, a crescente xenofobia alimentada pelo espectro do terrorismo.



7. Entre os grupos étnicos, como já vimos, a comunidade hispânica é a maior. Acredita-se que em 2050 possa chegar a cerca de 30% da população dos EUA. Fala-se em um processo de **hispanização dos EUA**. A questão entrou na pauta dos debates públicos nos EUA principalmente pelo crescente poder de voto dessa comunidade que em 2000 já contava com mais de 5% do eleitorado e que nos próximos anos deverá aumentar pela expressiva taxa de natalidade, o aumento da imigração e a possível obtenção da cidadania por parte de migrantes irregulares.

A presença de “comunidades étnicas” traz sérios desafios ao processo integrativo dos migrantes. Elas, sem dúvidas, representam lugares de amparo para migrantes recém-chegados, sobretudo daqueles irregulares, mas correm sempre o risco de erguer guetos e, inclusive, criar barreiras e conflitos com as demais comunidades. Por exemplo, a comunidade brasileira, menor e mais recente em relação às comunidades hispânicas ou asiáticas, vive o forte desafio de encontrar seu espaço identitário de participação e interlocução social e política num contexto monopolizado pela presença hegemônica de outras comunidades.

Relacionado com esse tema é a questão da **integração**. Apesar do elevado número de migrantes, dos altos índices de pobreza e das dificuldades das segundas gerações, a questão da integração das comunidades estrangeiras ainda não se tornou uma prioridade nas políticas públicas dos EUA. Embora tenham direito de acesso ao primeiro e segundo grau, os filhos de migrantes irregulares ainda têm sérios impedimentos para ingressar nas Universidades americanas. Muitos estrangeiros, sobretudo aqueles de recente chegada e aqueles decididos a regressar nos países de origem, têm dificuldades inclusive na aprendizagem da língua, o que se torna o principal impedimento para uma integração razoável.

Na realidade, como observa reiteradamente Teresa Salles em relação à comunidade brasileira, a emigração para os EUA é basicamente uma **emigração de trabalho**. Os migrantes, antes que a construir relações, estão preocupados em trabalhar o maior número de horas possíveis. Qualquer atividade que possa diminuir o tempo de trabalho é freqüentemente vista de forma negativa, inclusive a formação e a educação. Isso se torna um sério problema, principalmente para os jovens, pois, muitas vezes, os estudos e a qualificação profissional se tornam os únicos caminhos que garantam um futuro mais digno.

8. De um ponto de vista **religioso**, os EUA são caracterizados por um forte pluralismo, sem dúvida fortalecido pela presença de 35 milhões de estrangeiros. A situação mais complexa é



representada, sem dúvida, pelos estrangeiros de religião islâmica, frequentemente objeto de suspeitas e desconfianças, apesar do islamismo ter um número razoável de adeptos também entre cidadãos americanos.

A supracitada hispanização dos EUA está provocando também claras mudanças no perfil do catolicismo do país. Estima-se que em 2050, 53% dos católicos serão latinos. Deve-se levar em conta também a crise de credibilidade que o catolicismo norte-americano está vivenciando após os numerosos escândalos de pedofilia. Seja como for, tudo indica que nos próximos anos poderão ocorrer significativas mudanças, tanto na forma de gestão institucional, quanto – e principalmente – na vida pastoral e litúrgica das comunidades locais.

Em geral, os migrantes latino-americanos católicos encontram dificuldades em se enquadrar nos modelos teológico-pastorais de Igreja norte-americana e buscam experiências mais próximas das Igrejas latino-americanas. Esta realidade pode ser tanto uma riqueza – se a diversidade é vivida no espírito de diálogo e edificação da única comunidade – quanto um limite – se a diversidade se torna desigualdade ou apartação.

**9.** Um breve espaço cabe também para o **tráfico de pessoas**. De acordo com um relatório do Departamento de Justiça dos Estados Unidos, entre 14.500 e 17.500 pessoas são levadas anualmente ao país e mantidas em regime de semi-escravidão, sofrendo explorações sexuais e de trabalho. Entre as várias dificuldades encontradas para o combate a esse crime hediondo deve ser levado em conta que as vítimas residem no país de forma irregular e, por isso, têm medo de procurar a polícia e denunciar a situação.

**10.** Em **conclusão**, acredita-se que as políticas imigratórias dos EUA passarão nos próximos anos por três questões nodais a serem debatidas, aprofundadas e revisadas: a) a **regularização**, temporária ou permanente, dos imigrantes irregulares; b) o **estabelecimento de novos fluxos**, inclusive para continuar atraindo mão-de-obra qualificada e barata; c) o **endurecimento das políticas imigratórias** sem prejudicar as liberdades individuais e a economia do país.

*Prof. Roberto Marinucci*  
*Pesquisador do CSEM – Centro Scalabriniano de estudos Migratórios*  
*Pesquisa realizada em novembro de 2005.*